

# obituários

## **James W. Carey**

### **Uma voz que clamou por mais e melhor democracia**

---

*Filipa Subtil*

Escola Superior de Comunicação Social

#### *In James W. Carey memoriam*

A notícia da morte de James W. Carey, aos 71 anos, no passado dia 23 de Maio de 2006 deixou um profundo vazio na comunidade de estudiosos da comunicação e do jornalismo. Considerado nos EUA como um dos mais influentes pensadores do último terço do século XX nesta área de estudo, embora pouco conhecido na Europa, Carey foi e será uma referência para quem, nos tempos actuais, insiste, mesmo que romanticamente, em pensar a comunicação como ritual cultural de cooperação e democracia.

James Carey nasceu em Providence, nos EUA, em 1934. Oriundo de uma família irlandesa católica da classe operária, Carey, devido a uma insuficiência cardíaca, não frequentou a escola até à adolescência. Teve assim uma educação informal pautada pela leitura, pela escrita, por uma tutoria esporádica e por conversas sistemáticas com os vários membros da sua comunidade. Terá sido, porventura, destes diálogos que nasceu e cresceu o seu afecto pelas palavras e a crença inabalável no poder da conversação. Licenciou-se em gestão de empresas, na Mount Pleasant High School, na universidade de Rhode Island, não por vocação, mas porque foi o único *curriculum* que o admitiu. Doutorou-se anos mais tarde na Universidade do Illinois. A sua actividade académica como professor teve início na cátedra Gallup da Universidade de Iowa. Entrou, mais tarde, para a Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign, como assistente de jornalismo. Nesta universidade, viria a ocupar o lugar de director do Instituto de Pesquisa

da Comunicação, um dos mais antigos centros de estudo e investigação em comunicação dos EUA, e posteriormente o de reitor na Faculdade de Comunicação, cargo que ocupou durante 13 anos. A partir de 1990, passa a leccionar na prestigiada Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia em Nova Iorque, onde funda o programa de doutoramento.

Nos domínios da comunicação e do jornalismo, a sua acção cívica é assinalável: fez parte de múltiplas comissões consultivas de âmbito nacional, nomeadamente, como membro do conselho directivo do Public Broadcasting System e do conselho de assessores do Poynter Institute, uma das mais conceituadas escolas para jornalistas na Florida e do Freedom Forum. Presidiu ainda a várias associações ligadas ao ensino do jornalismo, como a Associação para a Educação no Jornalismo e a Associação Americana de Escolas e Departamentos de Jornalismo. Foi condecorado com o título de *doctor honoris causa* pela Universidade do Illinois e pela Universidade de Concordia, no Canadá.

Carey foi, na segunda metade do século XX e nos EUA, das poucas vozes na investigação em comunicação que tentou recuperar a associação entre comunicação e comunidade, que estivera na origem do conceito moderno de comunicação e que remonta ao século XV. Com este projecto, pretendeu questionar a tradição norte-americana dominante, centrada nas funções dos *mass media* como meio de controlo social e político e superar o paradigma hegemónico dos efeitos da comunicação de massas. Desde os anos de 1970, apesar de sempre muito isolado quando comparado com figuras da investigação *mainstream*, Carey pugnou por demonstrar a importância de definir a comunicação a partir de uma perspectiva cultural. Para Carey, a comunicação é muito mais que a mera análise das audiências ou a transmissão de mensagens ou dados. Na esteira da tradição da Escola de Chicago do pensamento social, do filósofo pragmatista John Dewey e do economista político Harold Innis, Carey propõe um modelo de comunicação que se define pela sua dimensão cultural, ética e cívica, isto é, pelo papel da comunicação na criação do laço social.

Recordemos um dos seus ensaios mais brilhantes para apresentar a forma como realizou este esforço de precisão conceptual e metodológica – *A cultural approach to communication* (Carey 1992 [1989]: 13-36). Neste artigo, mostra como, desde o século XIX, a cultura americana está marcada por duas concepções alternativas de comunicação: a visão “transmissiva” e a visão “ritual”. A visão transmissiva da comunicação é a que se encontra mais difundida nas culturas industriais, e remete para termos como “enviar”, “transmitir” ou “dar informações”. Este modelo segue os modelos convencionais da transmissão de sinais ou mensagens à distância com o propósito de controlo. Nas palavras de Carey: “É uma visão que remonta a um dos sonhos mais antigos dos humanos: o desejo de aumentar a velocidade e o efeito das mensagens à medida que se disseminam

no espaço” (*ibid.*: 15). A visão ritual da comunicação remete para noções como “partilha”, “participação”, “associação”, “comunhão” e posse de uma “fé comum”. “A visão ritual da comunicação está orientada (...) para a manutenção da sociedade no tempo; não para o acto de transmitir informação, mas para a representação de crenças partilhadas” (*ibid.*: 18). Esta precisão conceptual enformou toda a sua reflexão sobre a vida pública, o jornalismo, os *media*, as tecnologias da informação e até sobre a academia.

Desde sempre que um dos seus grandes desígnios foi ensinar a amar e a respeitar a vida pública, a trabalhar no sentido do seu aperfeiçoamento porque, tal como dizia, só uma vida pública bem orientada torna a sociedade compreensível. Assim, o jornalismo e a democracia são nomes para o mesmo objectivo: tornar a sociedade inteligível, ou seja, habitável para todos nós.

Um dos maiores contributos de Carey foi demonstrar claramente que o jornalismo e os *media* não são uma e a mesma coisa, um equívoco, aliás, em que incorrem muitas das escolas de jornalismo e faculdades de ciências da comunicação. Os *media* mostram as várias formas através das quais as pessoas experienciam as mensagens e a informação, condicionados por fortes interesses comerciais. Já o jornalismo tem um compromisso inalienável com a democracia. O jornalismo é parte do processo de conversação das comunidades, que tem como fim melhorar a vida comunitária e cumprir os ideais da democracia. Deste ponto de vista, as notícias são uma forma de expressão cultural. O jornalismo é a prática desta expressão cultural que ajuda a constituir o laço social e a manter a comunidade. Neste sentido, o jornalismo é uma prática que existe independentemente de qualquer sistema dos *media*. Não é a tecnologia ou a burocracia que definem a prática de uma qualquer actividade, mas sim o exercício de um conjunto de competências para atingir o melhoramento e a elevação da vida pública, uma vida comum que seja possível partilhar como cidadãos. Ao arripio deste projecto, o jornalismo como prática social tem vindo a ser crescente e seriamente ameaçado pelos *media* e os seus fins comerciais, pelo admirável mundo novo das tecnologias da informação, por um público descrente da imprensa, por um clima político afasta os cidadãos da política e do jornalismo e por outros problemas radicados na própria cultura profissional da imprensa.

Outro dos temas recorrentes das suas reflexões, e pouco referenciado nas menções que são feitas ao seu trabalho, é o das tecnologias da informação. Muito influenciado pelos estudos do economista político canadiano Harold Innis, autor que analisa detalhadamente em vários ensaios, Carey mostra uma séria reserva quanto ao papel que as tecnologias da informação podem ter no aperfeiçoamento da vida democrática. Ao contrário do optimismo irreflectido que associa linearmente o desenvolvimento das tecnologias da informação à democracia, à liberdade, à paz, ao conhecimento e à participação, Carey alerta para os perigos

que vêm pela tecnificação da comunicação: concentração do poder e do conhecimento, despersonalização e standardização da vida social.

A sua publicação mais conhecida é *Communication as Culture* (1992 [1989]), uma colectânea que reúne alguns dos seus ensaios mais relevantes, embora tenha deixado dispersos inúmeros artigos de uma enorme densidade histórica-filosófica e recensões que se caracterizam por manter uma estranha actualidade ao longo do tempo e constituem das poucas lufadas de ar fresco que a academia americana ofereceu ao mundo intelectual na área dos estudos humanísticos da comunicação e do jornalismo. Recentemente, em 1997, o seu pensamento foi amplamente comentado numa obra editada por Eve Stryker Munson e Catherine A. Warren, intitulada *James Carey. A Critical Reader*.

Coerente com a sua atitude céptica relativamente ao actual sistema de comunicação americano, que privilegia o comércio e o controlo político e negligencia a cultura e a vida pública, Carey afastou-se também dos caminhos de proximidade com o poder económico e empresarial seguido nas últimas décadas por parte da universidade norte-americana, colocando-se ao lado daqueles que clamam por uma nova sensibilidade moral na academia.

#### **Referências Bibliográficas**

- Carey, James, W. (1992 [1989]), *Communication as Culture. Essays on Media and Society*, Nova Iorque e Londres: Routledge.
- Committee of Concerned Journalists (2006), "Remembering James Carey", in <http://ccj.p2technology.com/node/410>.
- Munson, Eve Stryker e Catherine A. Warren (eds.) (1997), *James Carey. A Critical Reader*, Minneapolis e Londres: University of Minnesota Press.
- Rosen, Jay (2006), "The Democrat", *Columbia Journalism Review* (digital), Maio-Junho.